I.

Líderes europeus não chegam a acordo sobre contribuições para o orçamento do bloco comunitário. Países do Norte da Europa não querem pagar mais para preencher o buraco orçamental que vai ser deixado pelo Brexit.

E em Itália falta menos de uma semana para as eleições. Racismo, imigração e violência dominam campanha eleitoral.

Ainda nesta edição: Membros do Parlamento Europeu pedem à China para libertar livreiro sueco de Hong Kong.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

O Brexit vai significar menos dinheiro para a União Europeia. Vai ser inevitável um corte no orçamento das políticas agrícola e de coesão. São palavras do Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, proferidas durante a cimeira que juntou na sexta passada chefes de estado e de governo dos países da União Europeia.

Jean-Claude Juncker, Pres. Comissão Europeia
Teremos de cortar nas despesas agrícolas e de coesão. Não gosto muito disso, mas é a realidade.

Portugal, representado pelo primeiro-ministro António Costa, mostrou-se contra.

António Costa, Primeiro-Ministro de Portugal
Não pode ser à custa destas políticas que se financiarão as novas políticas. Seria, aliás, errado para fazermos o novo estragarmos o que já está.

António Costa disse estar disponível para aumentar a contribuição nacional para o orçamento comunitário. É que com a saída do Reino Unido da União Europeia há que preencher este buraco no orçamento.

Uma das hipóteses é que os países dêem luz verde à subida do actual tecto de 1% do Rendimento Nacional Bruto, como explicou António Tajani, Presidente do Parlamento Europeu.

Antonio Tajani, Pres. Parlamento Europeu
1,3 é a proposta do Parlamento Europeu, 1,3% do PIB da União Europeia a 27, claro. E também queremos recursos próprios.

E connosco desde Bruxelas, está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, não vai ser fácil chegar a um consenso sobre esta proposta do Parlamento Europeu de subir as contribuições europeias com a saída do Reino. Sobretudo os países do Norte da Europa que não querem pagar mais. Estamos aqui num impasse?
As questões orçamentais na Europa são questões muito difíceis. Não é fácil aprovar um orçamento tão vasto como o orçamento europeu. Estamos a falar de 140 mil milhões de euros para o período 2021-2027. É um montante que não é muito fácil de distribuir por rubricas. Por isso, há não só a questão das contribuições, mas há também a questão da distribuição dos fundos orçamentais pelas diferentes rubricas de utilização. E por outro lado há também a questão muito importante que é a questão de saber quem é que contribui, quem são os contribuintes líquidos e quem são os beneficiários, digamos assim, das questões orçamentais europeias. Por outro lado, a saída do Reino Unido cria um buraco imenso nas receitas da União Europeia. Nós estamos a falar provavelmente de uma perda de contribuição da ordem dos 28 mil milhões de euros por ano.

E como é que se vai repor essa contribuição em falta?
Há várias hipóteses. Uma das hipóteses é aumentar as contribuições dos países mais ricos e alguns deles já disseram que estariam dispostos a fazê-lo. Essa possibilidade, no entanto, tem muita oposição por parte de outros países contribuintes líquidos, nomeadamente os países de menor dimensão, mas que são países ricos e, por isso, contribuem para o orçamento europeu sem receber contrapartidas por essa contribuição. É o caso, por exemplo, da Holanda. A Holanda está à frente de um grupo de pequenos países ricos

que não gostariam de ver o orçamento europeu crescer. Outra das possibilidades seria a questão de diminuir as despesas e nomeadamente as despesas nas áreas que têm recebido grandes montantes ao longo dos anos e é nomeadamente nessa área que cabe a agricultura.

E que outros momentos é que destacaria nesta cimeira informal de líderes da União Europeia?
Vários aspectos foram discutidos e eu diria que um deles foi certamente uma discussão sobre as prioridades. O acento tónico vai certamente nos próximos anos estar nas áreas da defesa, da segurança, do apoio ao desenvolvimento em África - não por causa da questão do desenvolvimento, mas sobretudo tendo presente o controlo da imigração e evitar que imigrantes africanos venham em direcção ao continente europeu. E também eu diria que durante as discussões sobre as questões orçamentais ficou bastante claro que a França, por exemplo, vai aproveitar estas dificuldades que existem neste momento com a saída do Reino Unido para tentar ganhar maior preponderância e uma voz mais forte dentro da UE. O Presidente Emmanuel Macron vai mobilizar a questão orçamental para dizer fundamentalmente o seguinte: Nós estamos dispostos a aumentar a nossa contribuição, mas queremos que certos países da União Europeia, que estão neste momento a divergir do ponto de vista político e do ponto de vista dos valores democráticos em relação ao resto da Europa, queremos que esses países voltem a estar alinhados com os princípios democráticos que a Europa defende.

Victor, também ficou claro que chefes de estado e de governo têm dúvidas em relação ao método de escolha do próximo Presidente da Comissão Europeia.
Os líderes de governo querem que sejam eles ainda da próxima vez a escolher o candidato à presidência da Comissão Europeia, ou seja, a pessoa que irá substituir Jean-Claude Juncker, e que depois seja o Parlamento Europeu a votar o nome que os líderes de Governo tenham proposto. E aí vai haver certamente um conflito entre essa maneira de fazer as coisas e a maneira que tinha sido proposta fazer na semana anterior pelo Parlamento Europeu.
Também ficou bastante claro que os líderes dos governos europeus não querem que haja em Bruxelas um super-presidente da Europa. Aqui há algum tempo, Jean-Claude Juncker tinha proposto que os cargos de Presidente do

Conselho Europeu e de Presidente da Comissão Europeia fossem reunidos numa só pessoa e ficou evidente na reunião da semana passada que os chefes de estado e de governo não estão de maneira nenhuma dispostos a terem uma personalidade que tenha poderes tão vastos como seriam os poderes que resultariam da junção desses dois cargos.

III.

Em Itália, a uma semana das eleições, actos de violência e xenofobia marcam campanhas. Discurso de Liga Norte, partido de extrema-direita, é dominado por palavras anti-imigração, como nos conta a jornalista da Antena 1 Raquel Morão Lopes.

[*Foi anunciado como o momento do agora ou nunca. Cinquenta mil apoiantes da Liga Norte responderam à chamada e ocuparam a praça aos pés da Catedral de Milão para ouvir um discurso em que o tema imigrantes foi refrão. "Quem em vez de fugir da guerra traz a guerra para as nossas cidades com o Governo Salvini ganha um bilhete só de ida para o sítio de onde veio".*
Matteo Salvini, líder da Liga Norte, fez jus ao que tem sido o mote da campanha: primeiro os italianos.
"Com cinco milhões de italianos na pobreza e três milhões no desemprego, eu abro as portas de minha casa, mas quem escolhe a Liga, escolhe um conceito claro: Primeiro os italianos".
Salvini deixou ainda uma palavra aos rivais nestas eleições. Ao movimento 5 estrelas, o partido anti-sistema: "Há quem tagarele e há quem faça".
Ao líder do partido democrático de centro esquerda: "Não vejo a hora de chegar o dia 4 de Março para mandar para casa Matteo Renzi e os seus amigos".
E quanto a Silvio Berlusconi, nem uma referência. Expressa pelo menos.
O líder do partido Força Itália tem dito que será ele a escolher o próximo primeiro-ministro. Matteo Salvino faz finca-pé, confia que de entre os países de coligação de centro direita, a Liga Norte será o mais votado e assim sendo, desde já, com um terço, um evangelho e uma constituição italiana nas mãos, ele próprio antecipou o juramento da tomada de posse.]

Victor, temos assistido a uma série de manifestações violentas, campanhas de partidos de extrema-direita, mas também de manifestações antifascismo. Estudantes a entoarem palavras de ordem contra estes grupos saem às ruas. Que esperança é que podem ter os jovens italianos no futuro do país?
Se os jovens italianos vêm do Sul do país têm muito poucas possibilidades de encontrar emprego e têm muito poucas possibilidades de constituir família e preparar o seu futuro. Se vêm do Norte da Itália, têm muito mais possibilidades. Ou seja, a Itália continua a ser um país extremamente dividido entre o Norte, onde se concentram as indústrias, onde se concentra a criação, digamos assim, económica e onde se concentra a riqueza, e, por outro lado, o Sul, que continua paralisado e continua a ter imensas dificuldades em atrair capitais e em atrair investimentos que modernizem essa parte do país. E este tipo de dicotomia precisa de ser resolvido, não está neste momento na agenda...

E o que podemos dizer mais desta campanha?
É uma campanha extremamente violenta, profundamente inspirada pelo racismo e também é uma tragédia porque mostra que a Europa não conseguiu resolver o problema da chegada de centenas de milhares de imigrantes à Itália e neste momento essa falta de capacidade europeia para resolver o problema da imigração traduz-se numa campanha e num clima político na Itália que é extremamente desagradável e mais ainda, que é profundamente inspirado por ideias que não correspondem aos valores europeus.

O que dizem as sondagens a pouco menos de uma semana das eleições?
Deixam no ar uma grande questão. Haverá um vencedor claro destas eleições? Muito provavelmente o vencedor será Silvio Berlusconi para começar. Silvio Berlusconi é um fenómeno político na Itália, é um fenómeno político na Europa. É o resultado de várias coisas. É o resultado do controle que ele tem dos meios de comunicação social na Itália, nomeadamente de cadeias de televisão. É um nome muito reconhecido. Silvio Berlusconi sabe que não conseguirá obter o poder sozinho e, por isso, ele concorre em coligação e essa coligação é uma coligação que nos deixa extremamente preocupados. Nós temos neste momento uma situação em que provavelmente a coligação liderada pelo partido de Silvio

Berlusconi irá ganhar as eleições e poderá vir a ser convidada a formar governo, mas essa coligação também reúne dois outros partidos que são da extrema-direita e que são profundamente inspirados pela ideologia do autoritarismo, fascismo.

Como é que a União Europeia olha para esta coligação do Força Itália à extrema-direita?
Contrariamente àquilo que poderemos pensar, os líderes da União Europeia em Bruxelas têm uma grande proximidade política e uma certa amizade que vem de décadas em relação a Silvio Berlusconi. Silvio Berlusconi esteve em Bruxelas em finais de Janeiro, foi recebido pelo presidente Jean-Claude Juncker, foi recebido por vários dirigentes da Comissão e do Parlamento europeus e, na realidade, foi tratado como um líder europeu da maior credibilidade, quando na realidade nós sabemos que Silvio Berlusconi é um indivíduo que foi condenado pelos tribunais italianos por fraude fiscal; é um indivíduo que tem um passado político, um passado criminal e um passado também em certa medida moral extremamente duvidoso, mas na realidade, ele tem muito prestígio, continua a ter muita força em Bruxelas, nomeadamente pelo facto de que a Força Itália é um dos grandes partidos que constitui a família de direita que neste momento controla o Parlamento Europeu e que controla também a Comissão Europeia.

IV.

Membros do Parlamento Europeu pediram à China que liberte de imediato o livreiro de Hong Kong. Gui Minhai, que tem nacionalidade sueca, foi detido quando viajava de comboio no país, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Trinta e sete membros do Parlamento Europeu pediram na quinta-feira ao presidente chinês Xi Jinping a libertação imediata do livreiro de Hong Kong Gui Minhai.
Na carta, os membros expressam forte condenação à contínua detenção do cidadão, que tem dupla nacionalidade, sueca e chinesa.
A missiva apela ainda à protecção do livreiro de actos de tortura ou maus tratos. Deve-lhe ser facultado, dizem, acesso a apoio diplomático, família, advogados da sua escolha e tratamento médico adequado.

Gui Minhai seguia num comboio com dois diplomatas suecos, em Janeiro deste ano quando foi detido. O livreiro fazia a viagem entre Ningbo, na província de Zhejiang, e Pequim, onde iria receber tratamento médico.
O sueco desapareceu pela primeira vez em 2015. Estava de férias na Tailândia e era responsável por uma editora de Hong Kong que publicava livros críticos à liderança comunista. Gui apareceria mais tarde na televisão estatal chinesa a confessar o atropelamento e morte de uma mulher em 2004.

Victor, há aqui uma questão importante e bastante delicada que é a dupla nacionalidade. Como é que a União Europeia deve proceder nestes casos?
Para Bruxelas, para a Suécia, para os restantes países da UE, Gui Minhai é um cidadão sueco e deve ser protegido como cidadão sueco. Por outro lado, a União Europeia está a ver com alguma preocupação aquilo que se está a passar do ponto de vista dos Direitos Humanos e da interpretação da vida democrática feita pela China e pela liderança chinesa. Em certa medida, há quem pense que neste momento na China nós estamos a assistir a uma deriva totalitária, ou seja, uma deriva que não seria considerada na Europa como um caminho para a democracia e para o reforço da democracia, mas sim um caminho para o reforço da autoridade pessoal dos dirigentes chineses e nomeadamente do presidente Xi.

Em relação a essa mesma questão, perguntava-lhe como é que Bruxelas olha para esta proposta anunciada recentemente para remover da constituição a cláusula que determina o limite de mandatos de presidente e vice-presidente da República Popular da China?
A União Europeia pensa que é boa prática democrática que o número de mandatos seja limitado. E a União Europeia também apreciou bastante o facto de Deng Xiaoping há 40 anos ter adoptado a limitação dos mandatos presidenciais. Se isto vier a ser alterado agora é em certa medida um fazer voltar o relógio democrático chinês 40 anos atrás e isso é visto evidentemente com algumas preocupações, sobretudo tendo em conta que a União Europeia gostaria que a China fosse um exemplo de democracia para outros países onde a China é vista como um modelo. E o facto de que se elimine ou venha a eliminar este limite de mandatos, isso depois enfraquece a capacidade da União Europeia de dialogar com outros países onde este tipo de problemas também existem.

Voltando ainda a Gui Minhai. Em casos como estes, deve a União Europeia ser mais impositiva?
A União Europeia e nomeadamente a Suécia, neste caso, continuarão a fazer pressões diplomáticas e pressões consulares de modo a garantir os direitos de Gui Minhai e de modo também a permitir que ele possa ser ou julgado rapidamentem mas julgado de uma maneira correcta, ou mesmo libertado. A União Europeia não vê esse caso como um caso isolado. Tem havido outros casos. E ainda há cerca de duas semanas o Financial Times tinha uma longa história de um cidadão britânico que também esteve preso durante 23 meses na China por razões absolutamente obscuras e que conta, digamos assim, no Financial Times, tudo aquilo pelo que passou e que mostra claramente que o regime prisional chinês ainda precisa de grandes reformas no sentido de respeitar os Direitos Humanos e nomeadamente de respeitar as normas que devem presidir à gestão dos prisioneiros.

V.

E quase no final do Magazine Europa tempo ainda para o nosso momento cultural.
Terminou no Domingo em Madrid a ARCO, a maior feira internacional de arte contemporânea.
Dedicado ao tema "futuro", o evento contou com a presença de 208 galerias de 29 países e ficou marcado pela polémica retirada dos quadros de Santiago Sierra.
Logo que a feira abriu, a organização retirou a série de 24 fotografias de detidos catalães, acto pelo qual viria mais tarde a pedir desculpas.
A imprensa falou em "censura", o mundo da arte criticou a decisão.
Nós ficamos por aqui, até para a semana.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.